



## Alfaiates no Novo Mundo: a presença de alfaiates italianos no Brasil (1875-1906)

Leonardo de Oliveira Conedera<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente artigo visa-se tratar da presença de alfaiates italianos no Brasil onde vários profissionais encontraram oportunidades de empreender os seus estabelecimentos em diversos centros urbanos brasileiros entre o final do século XIX e no princípio do XX. A fonte que se selecionou para realizar a proposta de pesquisa exposta foi o almanaque *Il Brasile e gli Italiani* organizado e publicado pelo jornal *Fanfulla* em 1906 em São Paulo. Portanto, a partir do almanaque pretende-se apresentar e analisar o percurso de alfaiates peninsulares que encontraram um espaço propício para exercerem seu ofício no contexto urbano brasileiro durante o final do século XIX e início do XX.

**Palavras-chave:** Imigração Italiana; Alfaiates Italianos; Imprensa Migrante.

## Tailors in the New World: the presence of Italian tailors in Brazil (1875-1906)

**Abstract:** This article aims to address the presence of Italian tailors in Brazil where several professionals have found opportunities to undertake their establishments in several Brazilian urban centers between the end of the 19th century and the beginning of the 20th. The source selected to carry out the research proposal exposed was the almanac *Il Brasile e gli Italiani* organized and published by the newspaper *Fanfulla* in 1906 in São Paulo. Therefore, from the almanac, it is intended to present and analyze the route of peninsular tailors who found a suitable space to exercise their craft in the Brazilian urban context during the late 19th and early 20th centuries.

**Keywords:** Italian Immigration; Italian Tailors; Migrant Press.

Neste texto visa-se a tratar da presença de alfaiates italianos no Brasil (principalmente, no sudeste e sul do país) onde inúmeros profissionais encontraram oportunidades de empreender os seus estabelecimentos em diversos centros urbanos brasileiros entre o final do século XIX e no princípio do XX. A fonte que se selecionou para realizar a proposta de pesquisa exposta foi o almanaque *Il Brasile e gli Italiani* organizado e publicado pelo jornal *Fanfulla* em 1906 em São Paulo. Sabe-se que este almanaque já foi utilizado em alguns estudos na Itália e Brasil sobre a imigração italiana no Brasil, entretanto esta fonte propõe diversas potencialidades de pesquisa que é pertinente explorar com maior exatidão as suas informações.

Assim, a partir do almanaque já mencionado pretende-se apresentar e analisar o percurso de alfaiates italianos que encontraram terreno fértil e estabeleceram seus ateliês em território brasileiro. Logo, visa-se compreender a mobilidade e inserção social do imigrante italiano qualificado no espaço urbano durante o final oitocentos e princípio do novecentos no Brasil.

---

<sup>1</sup> Doutor e mestre em História (PUCRS) com bolsa CNPq e CAPES, respectivamente. Graduado em História (PUCRS).

## A imigração Italiana no Brasil (1875-1914)

De 1860 a 1960, mais de 20 milhões de italianos deixaram a Península itálica e mais de 7 milhões não retornaram do exterior. Os fluxos migratórios da Itália recrudesceram nos decênios do século XIX, após a Unificação. Dos portos de Gênova e Nápoles saíam transatlânticos colmados de indivíduos dispostos a buscar melhores expectativas em outros países (CONSTANTINO, 2007).

Entre 1887 e 1902, Angelo Trento assinala que transcorreu o fenômeno de emigração em massa de peninsulares para o Brasil. Tal evento corroborou substantivamente para o crescimento demográfico do país. O autor já mencionado ainda aponta que:

O Brasil colocava-se, assim, em 3º lugar no fluxo incessante da emigração italiana entre os anos 80 e a Primeira Guerra Mundial, depois dos Estados Unidos (5 milhões entre 1875 e 1913) e da Argentina (2.400.000) (TRENTO, 1989, p. 18).

Sabe-se que a imigração é um fenômeno complexo que envolve uma multiplicidade de causas endógenas e exógenas. No caso italiano, inúmeros elementos favoreceram a mobilidade de seus cidadãos.

Antonio Golini e Flavia Amato (2002) destacam que, entre 1876 e 1914, a emigração dos peninsulares decorreu, principalmente, por dois fatores de expulsão, um econômico-social e o outro político. O primeiro estava inter-relacionado com a economia pós-Unificação italiana, cujo alicerce era a agricultura e que enfrentou grandes perdas entre 1873 e 1879, quando houve a primeira grande depressão mundial, o que causou a desvalorização dos produtos agrícolas. Isso provocou grave crise social e vários camponeses encontraram na emigração uma alternativa para escapar das dificuldades.

O segundo fator vincula-se com a política migratória exercida pelo governo italiano, que se distinguia pela ausência de fiscalização e de tutela por parte das autoridades, já que não havia uma lei orgânica que regulasse a partida de emigrantes durante o século XIX. Logo, nesse contexto a emigração caracterizava-se, sobretudo, como espontânea e/ou clandestina. Também para contribuir com esse cenário, a Lei Crispi, de 1888, sancionou o direito de liberdade para os italianos partirem da sua pátria. Portanto, o binômio crise econômica e política liberal agiu como facilitador para o êxodo italiano (Golini; Amato, 2002).

Não se pode esquecer que, o Brasil promulgou o Decreto nº 528, em 28 de junho de 1890, cuja execução do seu programa acabou facilitando o aumento do fenômeno imigratório no país. Sabe-se também que a Constituição de 1891 concedeu aos Estados autonomia para a promoção de projetos que visassem à vinda de imigrantes (CONSTANTINO, 2007). Diégues Júnior (1964) aponta que, do final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, ingressaram cerca de 2.594.720 imigrantes no país e, destes, 1.063.173 seriam italianos, o que corresponde a 40,97% dos estrangeiros que desembarcaram no Brasil.

De 1845 a 1915 é o período no qual se delimita a primeira grande emigração transoceânica. Nesse espaço de tempo, a Itália foi o segundo país em termos quantitativos que mais apresentou êxodo, sendo precedida somente pela Grã-Bretanha (CORTI, 2007). Além disso, na segunda metade do oitocentos, a mobilidade tradicional modificou-se para uma migração de longa duração, quando não definitiva por aqueles indivíduos que deixavam a sua terra de origem (COLUCCI; SANFILLIPPO, 2010).

A emigração italiana alcançou na prática todas as regiões da península. Claro que, algumas localidades apresentaram maior fluxo de êxodo que outras. Posteriormente, a Unificação, inúmeras

circunstâncias internas e externas da sociedade italiana colaboraram para o deslocamento de grande parte de habitantes do Estado recém-criado.

Nas últimas décadas do século XIX, muitos imigrantes em meio ao grande êxodo procuraram por países americanos. Para diversos deles a experiência migratória era um hábito. Então, para os muitos indivíduos da península peregrinar não era uma novidade. No mundo popular havia uma cultura da mobilidade. Antes do *Risorgimento* (1861), emigrantes de inúmeras partes da Itália deslocavam-se para os mais distintos países. Em muitos casos, os migrantes não escapavam por questões relacionadas a privações, mas aos fatores da sua circularidade associada à sua atividade profissional (BEVILACQUA, 2005).

Os moradores das pequenas cidades da Itália, localizadas em zonas montanhosas e mais isoladas, não partiam de um lugar repleto de adversidades, mas migravam com a finalidade de usufruir das oportunidades que o mercado de trabalho lhes oferecia. Os peninsulares possuíam uma “cultura da mobilidade”, que lhes permitia uma capacidade de circulação e de locomotividade para as rotas que lhes permitam grandes perspectivas, como para os países americanos no final do século XIX e no princípio do XX (BEVILACQUA, 2005)

De norte a sul do Brasil, os peninsulares instalaram-se criando suas casas de comércio, oficinas, ateliês, escritórios, ou também como mão de obra no comércio e indústria. Desde o período colonial, estrangeiros provenientes da península circulavam pelos núcleos urbanos brasileiros. Essa presença já possuía um caráter especializado, visto que era composta por clérigos, militares, médicos, arquitetos e artistas (CONEDERA, 2017).

Portanto, a imigração italiana assumiu uma proeminência significativa em termos quantitativos no Brasil desde meados do oitocentos até o início da Segunda Guerra Mundial. O contingente de peninsulares tornou-se o segundo maior grupo de estrangeiros residindo no país.

### O Almanaque do jornal *Fanfulla*, *Il Brasile e gli Italiani* (1906)

Em 1906, o Jornal *Fanfulla* publicou o almanaque *Il Brasile e gli Italiani*. A obra foi o primeiro almanaque editado em língua italiana no Brasil. A publicação conta com, aproximadamente, mais de mil e duzentas páginas e com a perspectiva de evidenciar as dimensões da presença italiana em todo o Brasil.

O periódico *Fanfulla*<sup>2</sup> foi fundado e criado pelo imigrante, Vitaliano Rotellini no último decênio do oitocentos, e se transformou, nas primeiras décadas do século XX, no principal jornal da comunidade italiana no Brasil e, especialmente, na coletividade de São Paulo (CENNI, 1975)<sup>3</sup>.

2 O *Fanfulla* nome inspirado em um Frade- soldado de Lodi (cidade italiana) conhecido por suas expressões cômicas e sarcásticas. Assim, o semanário humorístico se tornaria um diário e mudaria sua característica ao priorizar com mais seriedade os temas relativos a políticas, econômicas e sociais para a colônia de italianos.

3 Sobre o jornal *Fanfulla* ver: CONSOLMAGNO, Marina. **Fanfulla: Perfil de um Jornal de Colônia (1893-1915)**, tese de mestrado, FFLCH, Universidade de São Paulo 1993; TRENTO, Angelo. Il ‘Fanfulla’ di San Paolo e la stampa italiana in Brasile dal nazionalismo al fascismo. **Anais do V Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4-5 nov. 2009.

Vale ressaltar a figura de Vitaliano Rotellini na imprensa migrante que alcançou grande notoriedade, como um dos principais nomes do jornalismo italiano no Brasil. O reconhecimento de Rotellini atingiu o campo político, quando o nome do fundador do *Fanfulla* disputou presidência do Estado de São Paulo (CENNI, 1975).

O *Fanfulla*, apresentou já traços de equilíbrio entre as várias rubricas e as diversas temáticas, fornecendo reportagens e comentários sobre os cenários da política italiana e brasileira, sobre a vida da coletividade, sobre as temáticas econômicas, informando o seu público sobre os fatos da cidade de São Paulo e interior, assim como do restante Brasil e, em alguma medida da América do Sul. Além disso, o jornal imprimia nas suas páginas inúmeros aspectos como: crônica social, informações esportivas e anúncios publicitários (TRENTO, 2009).

**Figura 1** — Contracapa do Almanaque



**Fonte:** ALMANACCO Il Brasile e gli Italiani. San Paolo: Fanfulla, 1906.

Sabe-se que dentre os muitos periódicos em língua italiana publicados no Brasil, o *Fanfulla* conseguiu interpretar as exigências, anseios e reivindicações da coletividade italiana, como também promoveu um ambiente de cordialidade com a sociedade receptora, procurou promover sempre uma reflexão e diálogo até mesmo nos momentos de tensão. Nesse sentido, o periódico conseguiu conquistar leitores em praticamente todas as camadas sociais. Além disso, o jornal carregou avante nas suas primeiras décadas de existência uma defesa incessante dos setores mais populares (TRENTO, 2009).

A partir de um viés anticlerical e republicano, próximo ao radicalismo burguês e com claras simpatias pelo movimento operário, o jornal atenuou esta linha na metade da primeira década do século passado. Após a saída do fundador Rotellini em 1910, e a entrada de outro famoso nome no mundo editorial italiano da primeira metade do século XX, Angelo Poci, o periódico se aproximou de uma linha editorial mais vinculada com a elite italiana imigrada e às representantes diplomáticos e, apesar de não eliminar as críticas ao governo italiano, que caracterizou o período precedente, o prosseguiu fazendo com menos frequência, mas com tons muito mais moderados (TRENTO, 2009).

É importante ressaltar que a tiragem do jornal desde sua fundação, paulatinamente foi aumentando o seu número de exemplares que alcançou o número de 20.000 cópias em 1915 e de 40.000 em 1934, tais cifras faziam do *Fanfulla* o segundo jornal mais lido no Estado de São Paulo, depois do jornal “O Estado de S. Paulo” (TRENTO, 2009).

Angelo Trento (2013) frisa que cálculos aproximativos feitos apontam para a existência de 170 periódicos italianos entre 1880 e 1920, no Brasil. E a maioria destes jornais circulavam em São Paulo. Segundo Trento (2013, p. 31).

Além de defender os interesses da Itália e dos italianos no Brasil, de tornar as relações mais cordiais com a sociedade local e, eventualmente, de fornecer informações práticas... as publicações burguesas conferiam a si próprias um papel pedagógico.

Atuando para reforçar a identidade étnica e a valorização do imigrante e da sua coletividade, e ao mesmo tempo enaltecendo a Itália e o italiano. Analisando a publicação do almanaque *Il Brasile e gli Italiani* também se percebe um viés de forte caráter étnico, como aquele existente na imprensa imigrante<sup>4</sup>, mas também com uma clara intenção de propagandear o Brasil para os conterrâneos que permaneceram na península.

Sabe-se que, diferentemente do Jornal, o Almanaque possui um enfoque um pouco distinto dos periódicos. Segundo Jacques Le Goff (1990), foi no século XVII que a literatura popular começou divulgar e disseminar os almanaques, com características que os definiam como uma publicação que possuía várias figuras, imagens e signos, sendo um veículo de informação direcionado para os indivíduos que lessem pouco, bem como os analfabetos.

Na Itália, os almanaques surgiram, inicialmente, na cidade de Turim com temas destinados aos proprietários de terras e agricultores. Eram publicações agrárias que anunciavam novas técnicas de cultivo e manejo do solo, mas com um detalhe, tinham a intenção de instaurar uma discussão que se aproximasse ao cientificismo europeu (PARK, 1999).

A partir da invenção da imprensa, os almanaques anuais receberam vulto, sempre trazendo informações astrológicas e astronômicas, textos históricos, políticos, dicas de cuidados com a saúde e medicina popular, os quais eram redigidos por médicos e astrólogos. No Brasil, a partir do início do século XVIII, os almanaques iniciaram a ter visibilidade (PARK, 1999). De acordo com Vera Casa Nova (1996), os almanaques caracterizaram-se como um veículo de publicidade, e ao mesmo tempo um caráter de publicação popular.

4 Segundo Camila Escudero (2016), a imprensa imigrante possuía como pretensão de veicular impressos para estabelecer um canal específico de comunicação entre os imigrantes, que possibilitasse a expressão dos seus anseios (informações da terra de origem, prestação de serviços como documentação, emprego, entre outros aspectos), assim como favorecer a manutenção da identidade cultural da coletividade, sem apresentar problemas no campo do idioma..

Na parte de apresentação do Almanaque *Il Brasile e Gli italiani* – lançado, em 1906, pelo jornal *Fanfulla* – que foi realizada por Vitaliano Rotellini (ALMANACCO, IL BRASILE E GLI ITALIANI, 1906, p.2). que explica:

Este livro tem uma razão de existir e um objetivo bem determinado. A razão é que o Brasil e a obra dos italianos que se estabeleceram aqui são quase que completamente desconhecidos na Itália, da sua organização político-econômica, dos progressos ocorridos em um breve espaço de tempo; e ao lado disso lançar luz a obra dos italianos e ao resultado dos seus trabalhos<sup>5</sup>

Além disso, Rotellini assinala que a obra foi pensada para ser divulgada na exposição de Milão em 1906. A ideia era apresentar uma obra que valorizasse a atividade do desenvolvimento da imigração italiana no Brasil. Além disso, a exposição de Milão oportunizaria mostrar a história e a realidade vivenciada por brasileiros e italianos no território brasileiro para a população e autoridades italianas que permanecera na península.

É preciso lembrar que, no princípio do século passado, a imagem do Brasil, na Itália, encontrava-se prejudicada. O Decreto Prinetti, que na realidade foi uma Portaria, aprovada pelo Comissariado Geral da Emigração na Itália em 26 de março de 1902, vetou a emigração subvencionada para o Brasil. Esta portaria recebeu o nome do então Ministro do Exterior da Itália, Giulio Prinetti e foi aprovada em decorrência de um relatório acerca das péssimas condições de trabalho nas fazendas brasileiras (TRENTO, 1989).

Este relatório (elaborado por Adolfo Rossi) revelava as situações vivenciadas pelos imigrantes italianos nas plantações cafeeiras (especialmente, no interior de São Paulo), no contexto do princípio do século XX. Apesar de tornar proibida a imigração subsidiada de italianos para o Brasil, não inviabilizou a migração espontânea, isto é, os italianos, que quisessem imigrar para o Brasil, teriam que arcar com os custos das suas passagens, e não depender do bilhete pago pelo governo brasileiro.

Portanto, a publicação do Almanaque *Il Brasile e gli Italiani* visou ressaltar e divulgar o trabalho e desenvolvimento promovido pelos imigrantes italianos no Brasil, bem como expor o panorama mais amplo da história, política, sociedade e economia do país sul-americano que acolheu milhares de imigrantes peninsulares.

### Os alfaiates italianos (1880-1906)

Os italianos constituíram uma contribuição expressiva no Brasil no âmbito das artes e das atividades técnicas. A partir de um elenco de fontes (literatura de viagem, boletins consulares, almanaques, entrevistas orais, entre outras) sabe-se da participação de inúmeros imigrantes no desenvolvimento de ofícios artesanais em várias cidades brasileiras.

É necessário lembrar que a cultura da viagem e da peregrinação existiu entre vários habitantes, até mesmo entre os setores mais humildes da sociedade italiana. A ação de emigrar era, assim, natural para diversas famílias italianas no período precedente à Unificação italiana (1861). Muitas vezes, o estímulo para o deslocamento era o desempenho de uma específica atividade profissional (CONEDERA, 2017).

Em algumas ocasiões, grupos de trabalhos artesanais originárias dos vilarejos existentes nas montanhas italianas desenvolviam a tradição de trabalho migrante que tinha como meta várias áreas da

---

<sup>5</sup> Tradução realizada pelo autor.

península, como também em outros países europeu (como França, Bélgica, Alemanha, entre outros). Como exemplo desse processo cabe apontar os *merciai a giro*, vendedores que negociavam as mais diferentes mercadorias e se deslocavam pelo território europeu. Grande parte desses comerciantes se especializou e se destacou como comerciantes de livros no começo do século XIX (BEVILACQUA, 2005).

Em alguns povoados do *Mezzogiorno*<sup>6</sup>, inúmeros meridionais – que desempenhavam profissões típicas, especialmente de cunho artesanal e artístico – possuíam uma longa tradição migratória para países do contexto europeu, assim como para as Américas. Por exemplo, durante o oitocentos, muitos musicistas provenientes de Viggiano (um pequeno *paese*<sup>7</sup> localizado na Basilicata) deslocavam-se para a Inglaterra, Áustria e para os Estados Unidos (CONEDERA, 2017).

O Almanaque, *Il Brasile e gli Italiani* (1906), expõe aproximadamente 15 profissionais que se dedicavam a segmento da alfaiataria com formação técnica, especialmente, no seu país de origem, como também no exterior.

A profissão de alfaiate, que foi um dos nichos onde diversos peninsulares se inseriram. Como Virgilio Bisaggio que desembarcou em Juiz de Fora (Minas Gerais) em 1895. Proveniente de Este, província de Padova, localizada no Veneto, em poucos anos alcançou sucesso e distinção na sociedade de Juiz de Fora, estabelecendo seu próprio negócio, a Alfaiataria Oriente, em 1898 (ALMANACCO, IL BRASILE E GLI ITALIANI, 1906).

Bisaggio, como diversos empreendedores italianos, encontrava-se integrado a coletividade na qual se radicou. Em 1904, o alfaiate veneto tornou-se vice-cônsul em Juiz de Fora. Além disso, foi um membro ativo nas associações italianas *XX Settembre* e *Società di Beneficenza Umberto I* existentes na cidade mineira.

**Figura 2 — Sr. Virgilio Bisaggio**



**Fonte:** ALMANACCO Il Brasile e gli Italiani. San Paolo: Fanfula, 1906.

<sup>6</sup> A palavra *Mezzogiorno* refere-se ao Sul da Itália.

<sup>7</sup> *Paese* – refere-se a pequena cidade na Itália.

Figura 3 — Alfaiataria Oriente



Fonte: ALMANACCO Il Brasile e gli Italiani. San Paolo: Fanfula, 1906.

Outro profissional do ramo do vestuário foi Giuseppe Grosso, originário de San Marco Argentano, província de Cosenza, na Calábria. Grosso imigrou ainda adolescente para a Argentina no final do século XIX, ainda jovem foi realizar a sua formação como alfaiate no instituto, *Académie des Tailleurs*, em Paris (ALMANACCO, IL BRASILE E GLI ITALIANI, 1906).

Em 1894, o alfaiate calabrês imigrou para o Brasil onde abriria sua grande alfaiataria na cidade de Campinas no interior de São Paulo<sup>8</sup>. Além disso, o seu empreendimento valorizava a realização de trajes masculinos e femininos com tecidos ingleses e franceses.

Os imigrantes Bisaggio e Grosso encontraram êxito em seus negócios em virtude de suas técnicas aprendidas na Europa, bem como da oferta de produtos diferenciados. Os dois alfaiates importavam tecidos do Velho Mundo; tal fato trazia distinção às peças de vestuário que confeccionavam em cidades brasileiras localizadas no interior do país.

8 Sobre alfaiates calabreses no Brasil ver: CONEDERA, Leonardo de Oliveira. De Cosenza para o Sul do Brasil: alfaiates nas cidades gaúchas (1900-1940). In: Antonio de Ruggiero, Vania Merlotti Herédia e Alberto Barausse. (Org.). **HISTÓRIA E NARRATIVAS TRANSCULTURAIS ENTRE A EUROPAMEDITERRÂNEA E A AMÉRICA LATINA** Volume 1. 1ed. Porto Alegre/ Caxias do Sul: EDIPUCRS / EDUCS, 2017, v. 1, p. 53-68.



**Figura 4** — Sr. Giuseppe Grosso

**Fonte:** ALMANACCO Il Brasile e gli Italiani. San Paolo: Fanfulla, 1906.

As trajetórias de Virgílio Bisaggio e Giuseppe Grosso exemplificam o ofício da alfaiataria no Brasil, colaborando para se compreender o ingresso desse tipo de profissional italiano, cuja entrada se verificou em inúmeras cidades localizadas do Brasil, especialmente, nos estados São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Bahia.

Os alfaiates italianos apresentavam uma competência técnica alta no seu ofício. Além disso, demonstram uma característica de empreender, já que todos os nominados no almanaque possuem a própria alfaiataria. Na publicação do Almanaque elaborado é possível observar a menção há 13 profissionais que se dedicaram ao ramo da alfaiataria.

Outro aspecto presente no almanaque é a valorização da formação técnica e atuação dos alfaiates junto à comunidade étnica e local do espaço no qual se instalaram. Além disso, diversos profissionais liberais italianos destacavam-se por serem membros e ocuparem cargos em instituições e associações criadas pelas coletividades peninsulares em inúmeros centros urbanos brasileiros que registraram uma presença de migrantes oriundos da península.

### Considerações finais

Neste texto, buscou-se realçar a presença dos imigrantes italianos no ramo da alfaiataria cujo registro aparece no Almanaque *Il Brasile e gli italiani* publicado pelo Jornal *Fanfulla*. No entanto, é preciso lembrar que diversas outras carreiras profissionais (como engenharia, arquitetura, medicina, ourivesaria, entre outras) são também desempenhadas pelos imigrantes peninsulares e destacadas na referida publicação.

O Almanaque editado pelo jornal *Fanfulla* é uma fonte que permite investigar a grande circularidade dos profissionais peninsulares no Brasil e na América do Sul. Nesse sentido, alguns profissionais nas suas trajetórias descritas na obra citada evidenciam a mobilidade de alfaiates, assim como de outros profissionais provenientes da península, pelos países da América do Sul e Europa antes de se estabelecerem no Brasil.

Então, pretendeu-se tratar acerca do fenômeno migratório italiano nos centros urbanos brasileiros, cuja presença foi significativa. A partir das informações e trajetórias dos alfaiates peninsulares é plausível inferir que prosperaram em um curto espaço de tempo nos respectivos núcleos urbanos onde se instalaram, pois alcançaram os seus objetivos de possuir o próprio empreendimento. Isto é, os dois imigrantes analisados conseguiram abrir suas alfaiatarias nas cidades de Juiz de Fora (Minas Gerais) e Campinas (São Paulo).

Os negócios constituídos pelos imigrantes ofereciam, normalmente, mercadorias diferenciadas, visto que os estrangeiros buscavam agradar a sua freguesia (como a oferta de artigos à moda parisiense). Ao mencionar as suas lojas, enalteciam a utilização de produtos importados (como os tecidos, o tipo de corte, trajes à moda europeia).

Outro aspecto importante é a manutenção de vínculos com seus patrícios nas sociedades de acolhimento. Os profissionais italianos permaneceram vinculados aos seus compatriotas oriundos da península. O caso de Virgilio Bisaggio – que foi sócio e presidente da associação *XX Settembre*, e tesoureiro da *Società Beneficenza Umberto I* existentes em Juiz de Fora no princípio do século passado – ilustra a participação atividade associativa dos imigrantes.

O ramo da alfaiataria não se constituiu um nicho dominado somente por italianos, mas foi mais um dentre os diversos segmentos profissionais de caráter artesanal desempenhados por peninsulares que se inseriram nos núcleos urbanos brasileiros.

Portanto, os alfaiates italianos emigraram para as cidades do Novo Mundo à procura de melhores perspectivas – como outros profissionais qualificados da área da arquitetura, medicina, escultura, música – e encontraram um terreno frutífero e próspero nas cidades brasileiras. Esses artífices da moda introduziram, por intermédio da sua atividade técnica, modelos da costura europeia na sociedade receptora, propondo uma ponte entre a sociedade e cultura europeia com a brasileira.

## Referências

ALMANACCO *Il Brasile e gli Italiani*. San Paolo: Fanfulla, 1906.

BEVILACQUA, Piero. *Breve storia dell'Italia meridionale*. Roma: Donzelli, 2005.

CASA NOVA, Vera. *Lições de almanaque: um estudo semiótico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975.

COLUCCI, Michele; SANFILLIPPO, Matteo. *Guida allo studio dell'Emigrazione Italiana*. Viterbo: Sette Città, 2010.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. *Músicos no Novo Mundo: a presença musicistas italianos na Banda Municipal de Porto Alegre (1925-1950)*. 278f. Tese (Doutorado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Imigrantes italianos: partir, transitar, chegar. In: RECKIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Org.). **História geral do Rio Grande do Sul. República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3.

CORTI, Paola. **Storia degli migrazioni internazionali**. Bari: Laterza, 2007.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964.

.ESCUADERO, Camila. A Imprensa Imigrante: Uma Fonte de Representação de Identidades Reais e Simbólicas1. **Revista Investigación Cualitativa**, v. 1, p. 26-40, 2016

GOLINI, Antonio; AMATO, Flavia. Uno sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2002. pp. 45-60.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 1990.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

\_\_\_\_\_. Il 'Fanfulla' di San Paolo e la stampa italiana in Brasile dal nazionalismo al fascismo. **Anais do V Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4-5 nov. 2009.

\_\_\_\_\_. **Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX-XX**. São Carlos: Ed. UFScar, 2013.

Recebido em: 23.09.2020.

Aceito em: 02.11.2020.